

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM TEXTOS HUMORÍSTICOS: UMA ANÁLISE DO GÊNERO PIADA À LUZ DA PRAGMÁTICA

BharbaraBonelle de Sousa¹
Mayra Duarte Figueira²

RESUMO: Uma das temáticas mais em destaque atualmente no cenário das diferentes mídias é a questão do lugar da mulher na sociedade. Desse modo, consideramos relevante desenvolver estudos sobre essa temática, no sentido de colocar em foco o problema que preocupa os especialistas em estudos socioculturais e linguísticos. Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo é analisar piadas que focalizam a condição feminina, com a finalidade de compreender como se efetiva, nesse gênero, uma representação social negativa da figura da mulher na sociedade brasileira. Para análise dessas piadas, contamos com as contribuições de Santos (2014) para melhor entender esse gênero textual. Tomamos como base os estudos de Goffman (1980) e Brown e Levinson (1978) a respeito da representação social e polidez, de Grice (1982) sobre o Princípio de Cooperação, de implicaturas e de máximas conversacionais, bem como os estudos de Oliveira e Basso (2014) referente à aplicabilidade desses conceitos. Além disso, utilizamos, também, estudos sobre linguagem e gênero social, tais quais Lakoff ([1973] 2010); Kendall e Tannen (2001); Eckert e McConnel (1992). Com esse escopo bibliográfico, consideramos a hipótese de que, no gênero piada, a mulher é representada socialmente a partir de uma imagem negativa, em contraposição a uma imagem positiva do homem.

PALAVRAS-CHAVE: Pragmática; Implicatura; Gênero Social; Representação Social; Piadas.

ABSTRACT: One of the most prominent themes broached contemporarily in different media is the issue of which place women occupy in our society. Therefore, we consider relevant to carry out studies about this theme, focusing on this question, about which different experts in sociocultural and linguistic studies are concerned. In view of this, this article aims to analyze jokes that focus on the female condition, with the purpose of understanding how a negative social representation of the image of women takes effect on this particular textual genre. For the analysis of the jokes, we count on the contributions of Santos (2014), to better understand it. We also base ourselves on the studies of Goffman (1980), and Brown and Levinson (1978) about social representation and polity, of Grice (1982) on the Principle of Cooperation, implicatures and conversational maxims, as well as on the studies of Oliveira e Basso (2014), regarding the applicability of these concepts. Moreover, we also draw on studies on language and

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Línguas e Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: bharbara_bonelles@hotmail.com.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos na Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Línguas e Letras, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, Espírito Santo, Brasil. E-mail: mayra_duarte@hotmail.com.

social gender, as the ones of Lakoff ([1973] 2010); Kendall e Tannen (2001); Eckert e McConnell (1992). Based on that, we take as our hypothesis that women are socially represented from a negative image, against a positive representation of men.

KEYWORDS: Pragmatics, implicature, social gender, representation, jokes

Introdução

Às mulheres e aos homens, ao longo da história da humanidade, sempre foram atribuídos papéis sociais diferentes. Esses papéis e os padrões comportamentais são estabelecidos por fatores como classe social, escolaridade, posição social do trabalho e questões de gênero. Ou seja, o sexo masculino e o sexo feminino, mesmo que hoje estejam em um processo de maior flexibilização, não possuem equidade de gênero.

A figura feminina na sociedade cresceu muito nas últimas décadas, mas ainda carece de muita luta por espaço de equidade no que concerne aos inúmeros aspectos sociais cotidianos. Antes, à mulher, era destinado apenas o papel de mãe e dona de casa e, apesar de terem ganhado um espaço na sociedade, principalmente no mercado de trabalho, a mulher ainda é vista em certas situações como inferior e submetida à figura masculina, mostrando que há um preconceito de gênero extremamente presente que denigre a imagem da mulher, bem como sua face em diversas situações.

Nesse sentido, visando contribuir para um melhor entendimento sobre a questão de gênero e representação social da figura da mulher na sociedade, este trabalho propõe uma interface entre os estudos da Pragmática e os estudos de gênero social, analisando sob o ponto de vista sociocultural e linguístico piadas que envolvem mulheres e as colocam em uma posição inferior na sociedade.

Para tanto, inicialmente, serão apresentadas considerações sobre o gênero textual piada, em seguida serão abordadas as teorias relacionadas à polidez, à conversação, à linguagem e ao gênero social. Do diálogo entre essas noções, analisam-se três piadas extraídas da internet no intuito de mostrar como a figura feminina é representada nesse gênero textual, e como as diferenças construídas socialmente entre homem e mulher podem ameaçar a imagem social das mulheres e construir uma representação negativa.

Teoria da polidez e noção de face

Polidez é uma das regras de conduta que conduzem a uma padronização dos comportamentos dos seres humanos na sociedade. Responsável por evitar as tensões e conflitos nas interações sociais, o indivíduo, ao direcionar sua fala a uma pessoa, fornece informações a seu respeito visando construir sua imagem pública junto aos demais (Cf. Goffman, 2011, p 11).

Nesse sentido, um determinado enunciado ao ser proferido pode ser bem aceito ou não, isto é, a interação com o outro está passível de imprevisibilidade e, por isso, estamos sempre preocupados em manter o controle da situação, bem como evitar conflitos. Assim, visando regular seus discursos, os participantes devem se submeter às regras de conduta que auxiliam, então, os sujeitos a manter a expectativa perante a sua face.

A respeito da face, Goffman (1980, p.76-77) define como:

Valor social positivo que uma pessoa efetivamente reclama para si mesma através daquilo que os outros presumem ser a linha por ela tomada durante um contato específico. Face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados – embora se trate de uma imagem que pode ser partilhada por outros, como quando a pessoa consegue fazer uma boa exibição profissional ou religiosa fazendo uma boa exibição para si mesma.

A face corresponde, então, a autoimagem que construímos socialmente, e os sujeitos são atores sociais que podem desempenhar diferentes papéis, em diversas situações. Assim, para assegurar a imagem pública positiva perante um grupo, o sujeito irá emitir um ato de fala condizente com a sua intenção, haja vista que o ato comunicativo está diretamente ligado às relações sociais.

Embasados nessa teoria de face, Brown e Levinson (1987, p.61) elaboraram um modelo referente à construção da imagem social e definem face como a imagem pública que cada pessoa quer reivindicar para si próprio, propondo uma dualidade e diferenciando face positiva e face negativa. A face negativa corresponde ao território de cada indivíduo, e a ausência de imposição e a face positiva está relacionada ao desejo que cada um tem de que sua imagem seja aceita pelas outras pessoas.

Ambas as faces fazem parte de um jogo no processo de interação social estando cada uma delas passível à ameaça explícita ou implícita. Tais ameaças foram

classificadas em atos de linguagem e apresentados em quatro categorias, que se referem tanto ao ouvinte quanto ao falante:

- Atos que ameaçam a face positiva do locutor: atos que representam auto-humilhação como reconhecimento da própria fraqueza, da incompetência, das limitações pessoais (o que envolve pedido de desculpas, a admissão de um erro), etc.
- Atos que ameaçam a face negativa do locutor: a promessa, por exemplo, compromete o sujeito a realizar atos que exigirão dele o cumprimento da palavra empenhada, aplicação de feedback, agradecimentos, aceitação de favor, etc.
- Atos que ameaçam a face positiva do interlocutor: receber crítica, insulto, desaprovação, etc.
- Atos que ameaçam a face negativa do interlocutor: atos que ameaçam a liberdade de ação do interlocutor, perguntas diretas sem demonstrar cortesia, perguntas indiscretas, conselhos não solicitados, ordens, cobrança de favorecimentos anterior, etc. (SAITO E NASCIMENTO, s.d, p.4).

Contudo, ao se ameaçar a face alheia, os sujeitos, na maior parte das vezes, fazem uso de estratégias de polidez como forma de amenizar o efeito criado durante a comunicação. Sob a ótica de circunstâncias como essas, Brown e Levinson (1987) criaram estratégias de polidez, tais como a polidez positiva, a polidez negativa e a polidez indireta, que descrevem os mecanismos utilizados pelos interactantes num processo de interação. A primeira refere-se ao desejo do interlocutor de manter e preservar sua autoimagem. Já na polidez negativa os enunciados são marcados por diferenças entre os interlocutores, tendo-se um tratamento mais formal, desejo de imposição, uma vez que não há uma aproximação entre os sujeitos. E a polidez indireta é um ato de comunicação indireto, em que se tem o uso de expressões indiretas e insinuações, deixando a interpretação por parte do interlocutor.

Essas estratégias de polidez funcionam, então, como atenuadoras dos atos ameaçadores de face e como modalizadoras sociais, uma vez que elas são capazes de aumentar ou diminuir a distância entre os interlocutores em uma dada interação.

Gênero piada

A piada é um gênero com características narrativas, relativamente curto, de autoria desconhecida, que evolui sequencialmente e linearmente, apresentando número

reduzido de personagens. Esse gênero textual, geralmente, se baseia em algum tipo de estereótipo ativado a partir de uma incongruência. Isto é, “na piada o humor seria caracterizado pela percepção de um paradoxo, de uma disparidade do estado das coisas do mundo.” (SANTOS, 2014, p. 68)

A piada desempenha, assim, uma função comunicativa, sendo seu principal objetivo a produção de humor crítico ou irônico, retratando os discursos produzidos socialmente. Contudo, tendo em vista que a piada possui a função social de entretenimento humorístico, o senso de humor varia em cada cultura. O que é engraçado para um povo, pode não ser engraçado para outro. Além disso, é importante ressaltar que a identidade é sempre representada nas piadas por meio de estereótipos.

A piada é, então, uma recriação da realidade, contudo o leitor/ouvinte precisará recorrer ao contexto, bem como realizar um processo cognitivo para interpretá-la. E para dar conta dos indícios contextuais devemos atentar para as pistas presente nas piadas, tais como o conhecimento extralinguístico (conhecimento de mundo) e o metalinguístico (conhecimento de convenções e estruturas linguísticas). (Cf. MARCUSCHI, 2008).

Nesse sentido, a interpretação da piada passa segundo Godoi e Santos e (2009):

[...] por um processo físico (ouvir), depois por um processo cognitivo (interpretar) e, por último, entra em ação um processo afetivo-emotivo (rir). Por detrás dessa cadeia, aparentemente simples e natural, se oculta um trabalhoso processo cognitivo que demanda complexas atividades mentais.

Assim, a mente guarda a representação de mundo e os conceitos necessários para a interpretação desses tipos de texto. A sequência e a linearidade desse texto ativam esses conceitos, conduzindo o leitor a certas expectativas a respeito do final da história. Nesse sentido, é possível afirmar que, “é o desfecho da narrativa, portanto, que carrega o mote humorístico, que faz a conexão entre o linguístico e o extralinguístico com o cognitivo, causando no ouvinte da piada, o riso.” (GODOI & SANTOS, 2009). A piada, aparentemente, parece um simples e natural texto, mas carrega com si um árduo processo cognitivo inferencial que depende de fatores linguísticos, cognitivos, como também de fatores socioculturais.

Teoria da Conversação em Grice

Os estudos pragmáticos realizados por Paul Grice desenvolveram e discutiram a perspectiva de que, quando falamos, não estamos sempre remetendo a significados prototípicos. Quando nos expressamos, o que queremos comunicar pode ser mais do que está na literalidade. Assim, as situações comunicativas envolvem aspectos que estão dispostos não só pela compreensão dos significados das palavras, mas também pelo conhecimento do contexto, por exemplo.

Ao entendermos que a ação linguística visa certos objetivos, compreendemos que essa mesma ação é carregada de intencionalidade. Tal intencionalidade ora pode estar apenas vinculada ao significado da sentença e ora ao significado do falante - esse quer vincular uma informação disponível numa situação comunicativa. Nessa perspectiva, o estudo desenvolvido por Grice (1982) sobre a lógica da conversação está pautado no princípio de que, nas situações comunicativas, os indivíduos dialogam sem a necessidade de se esforçarem para compreender os sentidos das mensagens, uma vez que, durante a comunicação, eles estão cientes de que há informações que um locutor enuncia a fim de que um interlocutor compreenda, ou seja, por trás do que é dito, espera-se o implicado.

Assim, Grice dedica-se a mostrar de que forma, durante a conversação, dizemos e implicamos ao mesmo tempo. Para o autor, o dito e o implicado são uma combinação resultante da compreensão de uma situação comunicativa. Posto isso, relaciona-se o dito à semântica de uma sentença, diretamente vinculado a uma informação gramatical e, por outro lado, o implicado/implicatura se realiza no significado do falante – a inferência/interpretação está vinculada a outros aspectos que estão dispostos na interação, como o contexto.

Isso se dá com base no princípio de que, quando falamos, há uma intenção que esperamos que nosso interlocutor compreenda. Em contrapartida, esse interlocutor também quer capturar a intenção do falante. A ideia é que nós, enquanto locutores ou locutários, não pensamos apenas nos significados proferidos em uma sentença, mas também no que é proporcionado pelo contexto da conversação. Esse comportamento é regido pelo acordo implícito que Grice denominou como princípio da cooperação: “faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado” (GRICE, 1982, p. 86). Ou seja, para ele, processamos simultaneamente o significado da

sentença (o dito) e o significado do falante (a implicatura).

É importante salientarmos que esse princípio depende da intenção proposta durante a enunciação. Ele é explorado à medida em que os interlocutores de uma conversação vão desenvolvendo o que, aparentemente, sugere ser uma falta que cooperação por parte dos falantes e é, na verdade, uma forma de maximizar a interpretação

Qualquer abandono aparente do princípio de cooperação é uma indicação de que o significado da sentença deve ser ampliado de modo a que o princípio esteja vigente – os interlocutores contam com a racionalidade um do outro e a observância do princípio para dele tirarem proveito e fazerem da comunicação algo dinâmico, racional e eficaz (OLIVEIRA E BASSO, p 34 e 35, 2014).

Nesse sentido, Grice concluiu que há dois tipos de implicaturas que regem a conversação: a) as convencionais, relacionadas ao significado das palavras em uma sentença, e b) as implicaturas não convencionais, denominadas também de conversacionais, que dizem respeito às particularidades dos discursos em diferentes contextos de interações. Assim, a inferência do conteúdo implicado é fundamental para a interpretação de situações que envolvem, por exemplo, humor, ironias, metáforas, críticas, deboches, entre outras, tendo em vista que dependem da percepção que engloba determinados contextos.

Dessa forma, o princípio da cooperação, para Grice (1982), que constituem regras que os falantes devem seguir para conversarem de forma cooperativa e eficiente, é regido com base nas seguintes máximas conversacionais:

1- Máxima de quantidade: relacionada a quantidade informação fornecida.

Faça com que sua informação seja tão informativa quanto requerido/ não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.

2- Máxima de qualidade: Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira,

Não diga o que acredita ser falso.

Não diga senão aquilo que você pode fornecer evidência adequada.

3- Máxima da relação:

Seja relevante.

4- Máxima do modo: trata de como o que é dito deve ser dito

Seja claro.

(GRICE, 1982, p.87).

Essas máximas permitem, portanto, ao falante conversar violando ou explorando alguma delas de forma que o interlocutor faça inferências a partir do que é dito. Assim, com base na crença da intencionalidade da ação linguística, tem-se a ideia de que um falante abandona uma máxima propositalmente para produzir uma implicatura. E para que haja a implicatura conversacional, é preciso que um falante viole o princípio da cooperação, a partir da ruptura, em que um falante abandona uma máxima confiando que seu interlocutor compreenderá o sentido da enunciação, e produza, conseqüentemente, uma implicatura que restaure o princípio.

Portanto, no estudo teórico analítico desenvolvido neste artigo, apontaremos como, através do abandono e exploração das máximas conversacionais, os estereótipos negativos da mulher são reproduzidos no gênero piada. Acreditamos que esse gênero textual conta diretamente com a noção de cooperação para produzir o humor nos textos, bem como as informações vinculadas ao tema de cada piada, como veremos nas análises mais adiante.

Linguagem e gênero social

Os estudos sobre linguagem e gênero social exploram o papel que a linguagem desempenha na construção de representações sociais, no que diz respeito às diferenças linguísticas na linguagem de homens e mulheres, e das relações interpessoais nos contextos socioculturais em que a linguagem é produzida e atualizada. Como pontuam Eckert e McConel-Ginet (1992), “isolar gênero de outros aspectos da identidade social também conduz a generalizações prematuras até mesmo sobre concepções normativas a respeito da feminilidade e da masculinidade” (Eckert e McConel- Ginet, 1992). Nesse sentido, é preciso entender que a linguagem é uma ferramenta para a construção das desigualdades nos papéis desempenhados pelos homens e pelas mulheres e que, dessa maneira, é capaz de perpetuar os estereótipos de gênero, bem com romper com eles.

A forma como as pessoas agem numa situação comunicativa depende das posições que ocupam em comunidades e instituições sociais. Dessa forma, os estereótipos de gênero reproduzidos por meio das ações linguísticas podem interferir no processo de mudança dos papéis sociais desempenhados pelas mulheres. Os espaços e as diferenças marcam a construção linguística entre homens e mulheres em uma dada

cultura, de forma que o falar está associado a posições ocupadas e desempenhadas pelos indivíduos. A linguagem, carregada de intencionalidade, constrói recursos simbólicos, como bem pontuaram Kendall e Tannen (2001), que atualizam e gerenciam os as identidades sociais e culturais dos indivíduos.

Em diálogo com teoria da conversação de Grice, Eckert e McConnel-Ginet (1992), defendem a ideia de que, provavelmente, não precisamos convencer ninguém de que os significados codificados de uma sentença se agrupam e transmitem um conteúdo informacional, mas para que o ouvinte compreenda o que é implicado nas sentenças, ele precisa ir muito além da codificação. Ele precisa conhecer as práticas sociais para entender as implicaturas. Dessa forma, quando falamos sobre as dificuldades de conquista enfrentadas diariamente pelas mulheres, enfatizamos o fato de que os repertórios linguísticos reforçam e corroboram essas situações.

A sentença “mulher gosta de dinheiro”, por exemplo, pela observação do que está codificado, não significa nada demais. Seria apenas o fato de a mulher gostar de ter dinheiro. Entretanto, essa implica, numa visão sexista, de que as mulheres entram em relacionamentos com os homens não por gostarem deles, mas sim do poder aquisitivo que eles apresentam. Esse é um pensamento social compartilhado que despreza o modo de agir dos homens e aponta para a visão deles sobre o que as mulheres buscam em um relacionamento: “as línguas oferecem recursos para representar situações envolvendo múltiplos participantes desempenhando papéis diferentes e atribuindo uma responsabilidade diferencial para o que está acontecendo”³. (ECKERT E MCCONNEL-GINET, 1992, p. 207)

Assim, podemos perceber que os pressupostos de gêneros são enunciados de diversas formas nas situações sociais cotidianas e eles não são marcados por alguma espécie de comprovação empírica das relações entre homens e mulheres, mas sim pela desigualdade da relação desses dois gêneros.

É a prática discursiva, e não a convenção linguística, que é responsável em última instância por muitos (talvez a maioria) dos pressupostos sexistas e heterossexuais transmitidos quando as pessoas usam a linguagem. Ao mesmo tempo, a mudança de padrões de uso da linguagem na prática discursiva pode desempenhar um papel que ajuda a expor e talvez até desalojar pressupostos problemáticos (ECKERT; MCCONNEL-GINET, 1992, p. 207)⁴

³Tradução nossa.

⁴Tradução nossa.

As piadas e a construção das faces das mulheres

A piada é um gênero textual caracterizado pela presença do humor, como sabemos. Entretanto, para isso, a reprodução de estereótipos popularmente difundidos é explorada por meio das máximas conversacionais. A questão em voga neste trabalho é que muitas dessas piadas realizam a manutenção e perpetuação do estereótipo negativo da figura da mulher, em que ela ocupa um lugar socialmente inferior em relação ao homem, como veremos nos exemplos a seguir.

Piada 1:

“Monge: - O que deseja?”

Mulher: - Mestre, eu não sei o que fazer. Toda vez que meu marido chega em casa "bêbado", ele me bate muito.

Monge: - Eu tenho um ótimo remédio para isso. Assim que o seu marido chegar em casa embriagado, basta pegar um copo de chá de erva cidreira e começar a bochechar com o chá. Apenas faça bochecho e gargareje continuamente... E nada mais.

Dois semanas depois ela retorna ao monge e parecia ter nascido de novo.

Mulher: - Mestre, seu conselho foi brilhante! Toda vez que meu marido chegou em casa "bêbado", eu gargarejei, fiz bochecho com o chá e meu marido desmaiou na cama sem me bater!

Monge: - Tá vendo como ficar de boca fechada resolve? ”

Numa piada, a ambiguidade ou a quebra de expectativa são ações esperadas pelo leitor ou ouvinte, tendo em vista que essas são características que figuram nesse gênero textual. Na piada 1, a crença em voga de que as mulheres falam demais é reforçada e implicada a partir da última fala do monge: “Tá vendo como ficar de boca fechada resolve?”. Dessa forma, a máxima do modo não é observada, ou seja, é rompida, uma vez que opera a ambiguidade.

Pode-se entender aí que “boca fechada” é ficar quieta, sem falar nada para que o marido não se aborreça com ela e não a agrida novamente. A representação da imagem social da figura feminina está, então, baseada no estereótipo de que a mulher fala demais e esgota a paciência do homem, sendo a própria responsável pela agressão física que recebe dele.

A intenção de construir o humor consiste justamente na quebra da expectativa de que o remédio fosse da ordem do fisiológico e resolveria de alguma forma o tal

problema, mas, na verdade, corresponde ao ato de manter a mulher com a boca ocupada de forma que não possa falar nada e, assim, não motivar a agressão do homem.

É interessante observar, portanto, como nesse texto a relação de poder socialmente construída cotidianamente é reforçada por um estereótipo falso por comprovação empírica.

Em oposição direta a esse estereótipo [de que as mulheres interrompem os homens com mais frequência], um dos resultados de pesquisa sobre linguagem e gênero mais citados é que são os homens que interrompem as mulheres. [...] Essa descoberta refuta o estereótipo misógino que acusa as mulheres de falarem demais e ajuda a explicar a experiência, relatada pela maioria das mulheres, de que são frequentemente cortadas e interrompidas pelos homens (TANNEN, [1990] 2010, p. 67 e 68).

Mas nesse caso, a piada, como uma forma de criar o risível, reproduz uma construção negativa da imagem social da mulher por meio das relações de poder construídas linguisticamente, ainda que o pressuposto em questão na piada 1, por exemplo, seja falso. Nessa piada, a face positiva da mulher é ameaçada com base na desaprovação e crítica do comportamento da mulher pelo monge, que reproduz, portanto, indiretamente o mesmo comportamento do marido agressor, o de responsabilizar a mulher pela situação ocorrida.

Piada 2

A loira está no bar. Ela chama o garçom e quando este se aproxima, ela se levanta e fala baixinho no ouvido dele:

- Onde é o banheiro?

O garçom responde: -

Do outro lado.

A loira se aproxima do outro ouvido do garçom e diz:

- Onde é o banheiro?

Nessa segunda piada, observamos que houve uma falha na comunicação entre a mulher e o garçom, provocando uma disparidade entre os personagens. Essa incongruência estabelecida pela loira que deflagra o humor. Ao se aproximar do outro ouvido do garçom e repetir a pergunta, a moça demonstra não ter compreendido de forma clara o que o mesmo disse anteriormente. Percebe-se, assim, que a máxima da

quantidade e a máxima do modo não foram respeitadas, tendo em vista que a informação dada pelo garçom à moça não foi suficiente e nem clara para que ela compreendesse que se tratava de uma resposta em relação ao espaço físico do ambiente e não à localização do ouvido, o que acabou gerando ambiguidade em sua fala e, portanto, a deflagração do humor.

Ao ler/ouvir esta piada o sujeito precisará recorrer ao contexto, bem como realizar um processo cognitivo para interpretá-la, isto é, o leitor/ouvinte deverá atentar para as pistas presentes na piada, tal como o conhecimento extralinguístico sobre loiras. Contudo, percebe-se, ao ler a piada, que a representação da imagem feminina nesse tipo de texto está baseada em estereótipos de que a mulher, por ser loira, é vista como burra, denegrindo a imagem de todas as loiras.

Dizer que toda loira é burra, é um conceito depreciativo herdado culturalmente e o produtor ao colocar a mulher como loira na piada, acaba afetando a face positiva desta, bem como das demais loiras, pois chamar alguém de burro é uma ofensa. Nesse sentido, ao produzir a piada, o produtor se utiliza da estratégia de polidez indireta visto que faz uso de insinuações, para denegrir a imagem da mulher, deixando a interpretação por parte do interlocutor.

Piada 3

O rapaz leva a namorada para o motel. Chegando lá, ela tira a roupa, deita-se na cama, abre as pernas e sussurra com voz lânguida:

- Vem, me fazer sentir mulher!

O rapaz tira as roupas, joga-as em cima da moça e diz:

- Toma, lava!

Na terceira piada, percebemos que o humor reside na ambiguidade da fala “me fazer sentir mulher”, que para o homem está relacionada à interpretação de que uma mulher precisa realizar tarefas domésticas, enquanto para a mulher a interpretação está atrelada ao prazer durante a relação sexual. Nessa quebra de expectativa, após a fala da mulher e pela resposta do marido, é que o autor tenta construir o humor. Além disso, a máxima do modo foi rompida, haja vista que a fala da mulher não foi tão clara e objetiva para o homem. Outra máxima que também não é realizada é a da quantidade, pois, aparentemente, a informação dada pela mulher não foi suficiente para evitar a ambiguidade, e contribui para o humor da piada em questão.

Quanto à resposta do homem à moça, vemos que ao jogar suas roupas em cima

dela e mandar que ela as lavasse, ele afeta a face positiva dela, insinuando que a atividade que faz com que uma mulher se sinta como tal é a realização das tarefas domésticas. Para isso, o produtor faz uso, portanto, da estratégia de polidez indireta, tendo em vista que faz uso de expressões indiretas e insinuações, deixando a interpretação aos interlocutores por meio de elementos implícitos baseados nos conhecimentos misóginos compartilhados culturalmente a respeito do papel das mulheres na sociedade.

Posto isso, podemos perceber que a representação da imagem feminina nesta piada está baseada no estereótipo de que “lugar da mulher é na cozinha”. Isto é, essa piada retoma o discurso de que os serviços domésticos são destinados exclusivamente às mulheres. Nesse sentido, essa piada traz à tona um discurso machista e patriarcal, haja vista que coloca a mulher em uma posição submissa ao homem.

Nessa piada, então, há o estereótipo pejorativo herdado culturalmente como forma para deflagrar humor, além daquelas acima citadas, mostrando que há um preconceito de gênero bem presente na sociedade que denigre a imagem da mulher, bem como sua face.

Considerações Finais

Neste trabalho, revisitamos os estudos sobre o gênero textual piada, devido ao foco da análise estar nesse gênero. Além disso, revisitamos também os aspectos das estratégias de polidez e construção de face e o estudo sobre o gênero social e a linguagem com a finalidade de estabelecer uma interface entre os estudos da Pragmática e os estudos de gênero social.

A partir das análises feitas sobre as piadas retiradas da internet via conversas de *Whatsapp*, foi possível perceber que as construções das faces das mulheres, envolvidas em situações comunicativas, estão relacionadas diretamente às diferenças socialmente construídas nos papéis desempenhados pelos homens e pelas mulheres, uma vez que partimos da hipótese de que de que, no gênero piada, a mulher é representada socialmente a partir de uma imagem negativa.

Vimos, também, que as quebras das máximas conversacionais, propostas na teoria de Grice (1982), assim como as estratégias de polidez de Brown e Levinson (1987), interferem na problematização do conteúdo das piadas, de forma que a percepção de um problema social de uma representação negativa da mulher está

condicionada à compreensão das implicaturas inferidas a partir da violação de algumas máximas nos textos e falas dos personagens.

Portanto, é possível dizer que as abordagens utilizadas para este trabalho são complementares e integradoras no sentido de revelar o papel construtor linguístico para a construção de pressupostos negativos sobre a figura da mulher via implicaturas.

Referências

BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: Some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____; _____. Universals in language usage: Politeness phenomena. In: ECKERT, P., MCCONNELL-GINET, S. *Saying and Implying*. In: *Language And Gender*. Cambridge. 2003. p. 192 – 227.

GODOI, E; SANTOS. S.L. *Uma abordagem pragmática para a análise e interpretação da piada*. Disponível em: http://www.uces.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_ator/arquivos/uma_abordagem_pragmatica_para_a_analise_e_interpretacao_da_piada.pdf Acesso em: 02 de fevereiro de 2017.

GOFFMAN, E. A elaboração da face: uma análise dos elementos rituais na interação social. In: GOODY, E. N. *Questions and politeness: Strategies in social interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. p. 56-289.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução de Maria Célia Santo Raposo. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRICE, H. P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. (org). *Fundamentos metodológicos da linguística: Pragmática - problemas, críticas, perspectivas da linguística*. Campinas: Unicamp. p. 81-103, 1982.

FIGUEIRA, S. A. (Org.). *Psicanálise e ciências sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

KENDALL, S; TANNEN, D. Discourse and Gender. In: SCHIFFIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H (Orgs.). *The Handbook of discourse analysis*. Oxford: Blackwell, 2001.

LAKOFF, R., Linguagem e lugar da mulher. In: OSTERMANN, A. C., FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, Gênero, Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 13-30.

MARCUSCHI, L.A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

OLIVEIRA, R. P., BASSO, R. M. *Arquitetura da Conversação: teoria das implicaturas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

SAITO, C. L. N.; NASCIMENTO, E. L. *Preservação de face e polidez: um jogo de sedução nas interações face a face*. Disponível em: <<http://www.diritto.it/archivio/1/20656.pdf>> Acesso em: 20 de junho de 2016.

SANTOS, S.L. *O enigma da piada: convergências teóricas e emergência pragmática*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

TANNEN, D. Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle. In: OSTERMANN, A. C., FONTANA, B. (Orgs.). *Linguagem, Gênero, Sexualidade: clássicos traduzidos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.